

# PROPOSTA DE RENOVAÇÃO DA ALIANÇA EM Jr 31,31-34 “Nós ainda estamos no exílio”

Luiz Alexandre Solano Rossi<sup>1</sup>

## 1. O Profeta Jeremias e seu contexto

A leitura do livro do profeta Jeremias trabalha contra a nossa letargia. Uma leitura atenta do ambiente em que ele desenvolveu seus discursos proféticos podem nos retirar da passividade e acomodação do mundo moderno. Leva-nos a olhar com outros e melhores olhos para o interior de nós mesmos, para o povo, para a sociedade e, principalmente, para o nosso relacionamento com Deus. A leitura do livro de Jeremias nos remete a sonhar com a possibilidade de também nós assumirmos uma nova aliança com Javé.

Vamos olhar para a época de Jeremias: a linha do tempo que acompanha a vida e ação do profeta é muito abrangente. Poderíamos esquematizá-la, segundo os reis e seus reinados, da seguinte maneira: Josias, Joacaz, Joaquim, Joaquin e Sedecias. Do ponto de vista da fé israelita, Josias foi um rei que mereceu total aprovação. Aproveitando-se da decadência da Assíria, fez uma ampla reforma religiosa. Todavia, por causa de uma infeliz visão política, acabou falecendo numa batalha no ano de 609 aC, ao tentar impedir a passagem das tropas egípcias, que agora defendiam a Assíria agonizante contra as poderosas forças aliadas de medos e babilônios. Por quatro anos o Egito ainda volta a dominar o cenário político da região. Joacaz assume em lugar de Josias mas permanece tão-somente três meses na posição de rei; é preso e substituído por um outro filho de Josias, chamado Joaquim (609-598 aC). Nessa época a Babilônia é a potência máxima em toda a região: derrota o Egito em Carquemis (605 aC) e assume a dominação sobre Judá. O rei Joaquim ainda tenta resistir, mas morre sem ver as conseqüências de sua terrível política; assim seu filho Jeconias (598 aC) assume o reinado, mas depois de apenas três meses tem de render-se e é exilado, juntamente com altos oficiais e outros importantes, na Babilônia (597 aC, a primeira deportação). O império da Babilônia até permitiu que Judá continuasse existindo como nação sob o governo de Sedecias, que havia sido instalado por Nabucodonosor, para reinar em Jerusalém. Num primeiro momento o rei Sedecias se submete aos babilônios, mas posteriormente, pressionado por seus oficiais, tenta armar uma nova rebelião. Tais gestos vão precipitar o desastre final: após dezoito meses de sítio, apenas vinte e dois anos depois da morte de Josias, Jerusalém é conquistada, seus muros são destruídos e o Templo arrasado. Em 587 aC, acontece a segunda deportação.

1. Luiz Alexandre Solano Rossi é pós-doutor em História Antiga pela UNICAMP/NEE. Autor de vários livros, entre eles: *Messianismo e Modernidade* (português e espanhol), *A Falsa Religião e a Amizade Enganadora*, *A Arte de Viver e Ser Feliz*.

No relato bíblico, embora encontremos a descrição da presença de outros impérios, o império que se apresenta por excelência é o da Babilônia. Tal fato se dá em decorrência de ter sido ela a responsável pela destruição, tanto de Jerusalém quanto de seu Templo. Essa é a opinião de Brueggemann quando apresenta a Babilônia como uma metáfora teológica, dizendo que “no pós-exílio é a Babilônia e não a Pérsia que continua a função como uma metáfora teológica para Israel”<sup>2</sup>.

Jeremias nasceu ao redor do ano 645 aC. Anatot, lugar de seu nascimento, era um pequeno povoado próximo da cidade de Jerusalém. O pai se chamava Helcias, mas quanto ao nome da mãe há um silêncio. Jeremias era de família sacerdotal. Há uma possibilidade de que um dos ancestrais de Jeremias fosse o sumo sacerdote Abiatar. Ele foi sacerdote no tempo do rei Davi, quase 400 anos antes. Na vida desse sacerdote há um fato marcante: ele e mais alguns líderes foram contra a candidatura de Salomão ao governo. Após a vitória de Salomão aconteceu uma feroz vingança daqueles que lhe eram contrários, eliminando a todos. Entretanto, não teve coragem de matar o sacerdote Abiatar, mas cassou os direitos dele e o exilou em Anatot.

Um dos maiores problemas de Jeremias encontrava-se nos integrantes do clero do Templo. Este clero era dirigido por membros da casa de Sadoc. E, como vimos acima, Jeremias provavelmente estava ligado ao rival de Sadoc, Abiatar! Jeremias tinha em torno de dezoito anos quando, em 627 aC, recebeu sua vocação. Notemos que Jeremias não era um morador da capital, mas sim um jovem agricultor. Em suas imagens é possível observar a influência do ambiente rural: observa os costumes dos animais (8,7); inquieta-se com as conseqüências de uma seca (14,4); interessa-se pela vinha (8,13).

Pode-se dizer que Jeremias pertence à esfera de influência dos sacerdotes resistentes de Anatot e, como benjaminita, está muito próximo às tradições das tribos do Norte. É conhecedor de suas tradições e entre elas deve-se destacar a do Êxodo libertador. Anatot era uma cidade levita do território de Benjamim. A tradição dos levitas era zelar pela causa de Javé e manter viva no meio do povo a fé em Javé. Possivelmente porque Jeremias estivesse mais ligado às tradições proféticas do Reino do Norte criticasse as injustiças da monarquia contra o mundo dos camponeses, que era o seu próprio mundo.

Os momentos mais sombrios da história do povo de Deus se passaram durante a vida do profeta Jeremias. Seus olhos presenciaram a destruição do habitat do seu povo; presenciou as cidades fortificadas sendo destruídas e seus habitantes sendo mortos ou fugindo (4,25) e a terra arável sendo destruída (4,26). O texto bíblico não deixa lugar a dúvidas: “Toda cidade está perdida; nela não há mais habitantes” (4,29). Seus textos mostram a ruína de Judá e de suas cidades a partir de uma sorte de imagens. Todas elas imagens fortes para descrever uma situação tão incômoda. Os habitantes haviam caído como uma presa nas garras de seus predadores agressivos. Inimigos que se apresentavam como se fossem um leão, um lobo ou ainda uma pantera. Uma outra

2. BRUEGGEMANN, W. “At the Mercy of Babylon: A Subversive Rereading of the Empire”, p. 117.

de suas imagens para o desastre é o fenômeno natural do “vento do deserto” que leva um rasto de destruição por onde passa (4,11).

O profeta Jeremias foi uma testemunha viva de muitos dos mais trágicos e angustiantes eventos da história do povo de Deus. Uma testemunha ocular que fez da observação dos mais variados eventos uma verdadeira matéria-prima para suas profecias. Seu livro é um formidável comentário sobre os mais desastrosos episódios da história de Judá que o Antigo Testamento testemunha, episódios esses que trouxeram inúmeras conseqüências políticas e religiosas para toda a nação. Sua atuação situa-se ao redor de acontecimentos da história nacional e internacional. Ele reagiu em função de suas próprias convicções e da evolução da situação.

Conseqüentemente, a mensagem de esperança de Jeremias deve ser lida, necessariamente, a partir do pano de fundo do desastre político e do imenso sofrimento humano que o acompanhou. Os quatro capítulos (30-33) onde se inclui a perícopes que estamos estudando estão dominados por temas positivos. Apresentam a visão positiva do profeta para o futuro, quando Deus chamará o seu povo de volta dos mais diferentes lugares para onde os tinha espalhado.

Como todo Império, a Babilônia se apresentava a partir de adjetivos indicativos de estabilidade e força: autônoma, invencível e permanente. Mas a partir do momento que Israel assumia de forma plena a ideologia da Babilônia, ao mesmo tempo que negava a aliança com Javé, ele aceitava esta caracterização com todas as suas conseqüências políticas e teológicas e, derivativamente, assumia seu próprio destino como definido pela política imperial da Babilônia. Dessa forma, a fé deixava de ser subversiva, questionadora e se torna apenas acomodada ao Império.

O retorno da dispersão deveria ser entendido como a eliminação do processo de marginalização (causado pelo Império) a fim de que este mundo possa se tornar um lugar designado para a vida humana em sociedades justas.

A imagem de violência e de destruição associada à Babilônia se tornou tão forte no imaginário do povo de Deus que no livro do Apocalipse a Babilônia se tornou o símbolo para o Império Romano que dominava, também violentamente, naqueles dias. Por causa disso, diz Pixley, “nós também devemos ler a Babilônia como um símbolo do Império, tanto em nossa leitura histórica quanto em nossa aplicação ao século XXI”<sup>3</sup>.

## 2. O anúncio da “Nova Aliança”

*“Eis que chegarão dias – oráculo de Javé – em que eu farei uma aliança nova com Israel e Judá. Não será como a aliança que fiz com seus antepassados, quando os peguei pela mão para tirá-los da terra do Egito; aliança que eles quebraram, embora eu fosse o Senhor deles – oráculo de Javé. A aliança que eu farei com Israel depois desses dias é a seguinte – oráculo de Javé: Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles, e eles*

3. PIXLEY, J. *Jeremiah*, p. 5.

*serão o meu povo. Ninguém mais precisará ensinar seu próximo ou seu irmão, dizendo: “procure conhecer a Javé”. Porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão – oráculo de Javé. Pois eu perdôo suas culpas e esqueço seus erros”* (Jr 31,31-34).

A frase “nova aliança” ocorre somente esta única vez no Antigo Testamento, embora Jeremias anuncie duas vezes uma “aliança eterna” que Deus estabelecerá com seu povo (32,40; 50,5). Muitos livros proféticos fazem referência a uma renovação da aliança mosaica com Israel e Judá em termos similares.

De acordo com Pixley<sup>4</sup> é impossível determinar quantos destes textos vêm do próprio Jeremias. O mais provável, contudo, é que a maioria deles vem dos seguidores de Jeremias que formaram a tradição jeremiana. Todavia, não há razão para pensar que o próprio Jeremias tenha pensado a Babilônia e o exílio como o absoluto fim de Judá e de Israel.

Jr 31,31-34 (a nova aliança) corresponde a Jr 11,1-13 (a aliança original). A aliança original foi estabelecida por Deus para redimir Israel da escravidão do Egito e levá-lo para o Sinai para que lá a Torá fosse revelada. Mas agora, na segunda aliança, o próprio Deus faria a necessária mudança na natureza interior de seu povo, haja vista que o povo possuía uma imensa dificuldade em obedecer a lei.

A passagem é composta num estilo característico da prosa. A frase “Eu serei seu Deus e eles se tornarão meu povo” (v. 33) ocorre freqüentemente em outros lugares em prosa do livro (7,23; 11,4; 24,7; 32,38). E a noção da lei no coração de Israel é encontrada em passagens como Dt 6,6 e 30,14. Sendo que a declaração de que Deus “colocaria a lei dentro deles e a escreveria sobre seus corações” é muito parecida com Dt 30,6.

Qual o lugar vivencial de tamanha esperança? É preciso lembrar que Israel não existe mais como grandeza política. A terra prometida está sob domínio estrangeiro. Os líderes políticos e religiosos foram deportados. As tradições mais caras a Israel estão como que perdidas. A imagem de Israel possível nesse momento é a imagem da mais absoluta falência de um povo.

Assim, em meio a uma situação de turbulência, nosso texto anuncia uma nova aliança. E o texto faz questão de frisar que essa nova aliança é expressamente diferente daquela aliança firmada com os pais no Egito. O que podemos entender por nova aliança? Mas, antes, é preciso relembrar que a libertação do Egito não foi um evento qualquer. A libertação do Egito é considerada como o início da história de Israel. Portanto, ao se mencionar a aliança do Egito isoladamente devido a sua importância e ao se contrastar com a nova aliança, Jeremias está procurando dizer que a nova aliança deve ser vista como uma aliança especial que representa o equivalente à do Egito. O texto procura se ocupar com um tempo quando o Império deixará de existir ou será diminuído para um nível de qualquer estado ordinário e, assim, o povo de Deus que estava espalhado será novamente juntado na terra da promessa com uma Jerusalém re-

4. PIXLEY, J. *Jeremiah*, p. 94.

construída. Assim como o Egito já não mais existia... a Babilônia deixaria de existir... a força do império que domina os povos mais fracos deixaria de existir.

A nova aliança introduz um período equivalente ao iniciado com a primeira aliança. Uma aliança que inaugura uma grandeza tão ampla quanto a inaugurada com o surgimento de Israel. Por que não dizer que a nova aliança inaugura uma nova história de Israel? E qual o perfil dessa nova história inaugurada pela nova aliança? Pixley sugere a novidade a partir de alguns caminhos que poderíamos assim traçar:

1) Uma genuína relação entre Deus e Israel. Deus se torna de fato um Deus para o povo e eles um povo para Deus (31,33).

2) Um genuíno conhecimento de Deus. Todavia um conhecimento que se manifesta de uma forma dupla, ou seja, conhecimento da história da salvação e um tipo de conhecimento que leve a atuação com justiça e que faça decisões judiciais justas como exemplificado por Josias (22,15-16).

3) O acesso a esse tipo de conhecimento será partilhado por todos, ou seja, apresentará um caráter democrático sem qualquer tipo de elitismo. Deus escreverá a Torá diretamente nos corações (v. 33-34). A novidade não é que a Torá será escrita no coração, mas quem escreverá. Porque o próprio Deus irá escrever o povo não mais confiará na palavra dos sacerdotes, profetas ou outros líderes da elite, permanecendo em completa dependência. O conhecimento de Javé se torna um instrumento de libertação diante de outros tipos de conhecimento produzidos pela oficialidade. De acordo com Clements<sup>5</sup> essa promessa é muito próxima àquela que encontramos em Dt 6,6: “Estas palavras da lei que eu ordeno a vocês neste dia estará sobre seu coração”. Por isso, ainda segundo o mesmo autor, estaríamos apenas diante de uma nova maneira de Israel conhecer e manter a lei da aliança feita no Sinai. Não estaríamos, portanto, diante de uma aliança radicalmente diferente, mas sim de uma forma renovada de aliança. Clements, entretanto, não consegue perceber que na semelhança das alianças existem aspectos completamente novos.

4) Tudo isso acontecerá porque Deus perdoará seus pecados e não se lembrará mais deles (34). Um “perdão” total, sem reservas, é o primeiro ato da reconciliação, no qual se manifesta o “amor eterno” do Senhor. Estes versículos têm muitas citações e alusões no Novo Testamento, por exemplo Rm 11,27; Hb 8,8-12; 10,16-17. Não há como não ficarmos estarrecidos diante do anúncio de que Deus não se lembrará dos pecados bem como de seus efeitos sobre o relacionamento com o povo. A promessa de perdão dos pecados é algumas vezes vista como uma coisa essencialmente inédita na nova aliança, mas esse argumento depende de uma avaliação restrita de outros textos. O perdão prometido no v. 34 não introduz um novo conceito; ele vem sim na esteira de novas possibilidades que Javé está criando ao transformar o próprio povo.

Ao olhar para a nova aliança é possível visualizar a inauguração de uma sociedade que respeite a relação com o semelhante, que respeite a sua individualidade, sua propriedade, seu direito à vida e à liberdade; uma sociedade onde não se oprima, mas que se fa-

5. CLEMENTS, R.E. *Jeremiah*, p. 191.



voreça e defenda a vida dos estrangeiros, dos órfãos e das viúvas; uma sociedade em que o ser humano seja tratado como sujeito e não como coisa! Mas também que se conheça e reconheça Javé como o único Senhor e que se mantenha uma relação intacta com Ele. Conhecer a Javé implica em atitudes. Implica em conhecer aquilo em que Ele se compraz. Dessa maneira cria-se, até mesmo, uma maneira de se julgar os atos das pessoas – mais propriamente os atos dos reis – e um bom exemplo é o julgamento feito do rei Josias: “Ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente... isto não é conhecer-me?” (22,15). Outros dois textos, a fim de ilustrar melhor essa questão, formulam essa idéia negativamente. Vejamos: “não conhecer a Deus” significa “cometer um crime após o outro” (9,2); e “não conhecer a Deus” significa “viver na falsidade” (9,5).

#### 4. Mas o que há de novo?

A novidade da nova aliança está assim registrada: “colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração” (v. 33). A aliança fracassada exigia adesão exclusiva ao Senhor, traduzida no cumprimento integral da lei. A lei era formulada com toda clareza e respaldada por bênçãos e maldições. Mas era externa, gravada numa pedra, com a qual os ânimos dos homens não sintonizavam. A nova aliança inscreverá a lei dentro, de modo que se converta no impulso ou dinamismo da conduta; o coração estará remodelado pela marca viva da lei. A Torá se tornará parte constituinte de uma pessoa/povo. Novo na nova aliança não é o parceiro da aliança, mas, sim, a qualidade da comunidade criada pelos atos de Javé.

A vontade de Deus não será mais algo alheio, vindo de fora, que necessitava de interpretação, de ser explicada e ensinada. A vontade do ser humano passa a ser idêntica à vontade de Deus e deixa de ser algo alheio. Isso indica que haverá absoluta identificação e espontaneidade no cumprimento da vontade de Deus. O ensino, a tradição tornam-se supérfluos. Todos, grandes e pequenos, conhecerão a Javé. E basta lembrar que “conhecer” não deve ser reduzido a um conhecimento apenas intelectual, mas sim um conhecimento prático e que envolva a existência toda do ser humano; uma experiência íntima de todos com Javé. A transformação fará com que tal conhecimento atue como dom instintivo, não como lição aprendida. O conhecimento é internalizado.

Mas é preciso salientar que a nova aliança somente é possível porque Javé perdoa e esquece as culpas e os erros. É o próprio Javé que cria as condições necessárias para que a nova aliança possa de fato se realizar; é o próprio Javé que derruba as barreiras que as pessoas levantaram contra o relacionamento íntegro com ele. Isso porque o povo não teria condições para criar uma nova aliança. A única possibilidade reside em Javé se dispor a esquecer e perdoar. E Javé promete fazê-lo.

Não se deve deixar de notar que Javé é o realizador tanto da aliança do Êxodo quanto da nova aliança: “fiz e farei” (v. 32-33). Mas uma pergunta ainda se faz insistente: Quando acontecerá tudo isso? Não há resposta a esta pergunta. Não há lugar para especulações. Na verdade, o que temos é uma enorme abertura para algo fantásticamente novo! Quando? “Eis que chegarão dias” (v. 31).

No momento em que a nova aliança estiver escrita no coração do ser humano, como algo natural, será impossível toda sorte de injustiças, roubos e opressões. Se na

inspeção de Jerusalém se constatava que ninguém, nem pequeno nem grande, respondia com fidelidade a Javé, convertendo a cidade de Jerusalém num local de injustiça; no futuro, todos, pequenos e grandes, conhecerão a Javé de forma espontânea, sem necessidade de ensinamentos nem de exortações.

## 5. Mensagem para os nossos dias

Que novas conotações a Aliança apresenta para as nossas igrejas? Talvez a Aliança possa ser pensada contemporaneamente a partir de duas situações:

1) Uma igreja contemporânea ameaçada pela rigidez hierárquica de suas estruturas que reduz os leigos a papéis puramente passivos, também necessita urgentemente redescobrir o igualitarismo da promessa de Deus. O conhecimento precisa ser entendido como instrumento de libertação e não de aprisionamento. O monopólio do saber e do sagrado impossibilita que todos os filhos e filhas de Deus sejam iguais.

2) Qual a instrução (Torá) de Javé escrita em nossos corações? Lembro-me de um discurso de Madre Tereza de Calcutá em setembro de 1977, pronunciado diante do Congresso Norte Americano. O conteúdo de seu discurso criou desconforto geral nos que ali se encontravam porque sua ênfase era justamente sobre a negligência do pobre na sociedade. Seu discurso revelava o que representava Aliança realizada entre o povo e Javé.

Conhecer a Deus e fazer a vontade de Deus nos leva a agir através da justiça e do direito. Desde essa época a globalização está alterando as diferenças sociais e acentuando o número de pobres em todo o mundo. Mais e mais trabalhadores se vêem obrigados a sair de seus países e “tentar” a sorte nos países do chamado primeiro mundo, obrigados a se sujeitarem a condições de trabalho desumanizadoras. Globaliza-se a pobreza enquanto a riqueza se acumula nos países ricos.

A esperança presente nas palavras do profeta de que o Egito já não mais existia e que esse também seria o caminho da Babilônia e de qualquer Império, deveria nos lembrar que “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

*Luiz Alexandre Solano Rossi*  
Rua Eurico Batista de Oliveira, 88  
87053-336 – Maringá – PR  
luizalexandrerozzi@yahoo.com.br

## Bibliografia

BRACKE, J. *Jeremiah 30-52 and Lamentations*. Westminster John Knox Press: Louisville, 2000.

BRUEGGEMANN, W. “At the Mercy of Babylon: A Subversive Rereading of the Empire” p. 117-134 in *Reading the Book of Jeremiah: a Search for Coherence* KESSLER, M. (ed.). Eisenbrauns: WL, 2004.

CLEMENTS, R. E. *Jeremiah*. John Knox Press: Atlanta, 1988.

PIXLEY, J. *Jeremiah*. Chalice Press: St. Louis, 2004.